

**O CORPO
E A
EXPERIMEN-
TAÇÃO**

O CORPO E A EXPERIMENTAÇÃO

Opera-se por meio de ações performáticas como modos de contágio, de difusão e valorização do corpo e da experiência. As relações com o corpo atravessam diretamente as proposições **PRO-PAGANDO**, tanto na construção do corpo performático, pelos acoplamentos dos objetos, da bicicleta, da mochila, e das placas de papelão, que vão gerar essa diferenciação e individuação, quanto pela atualização dos corpos enquanto potência no meio urbano.

Na teorização de Eleonora Fabião (2011) no ensaio “Performance e precariedade”, a autora afirma recorrer, na performance, um potencial de valorização da experiência e do corpo. Opera-se pela performance por seu potencial de confronto representacional, difundindo uma corporeidade agenciadora em ato, que fissa os hábitos e propõe que outras semiotizações busquem gestar pensamento sob e em seus corpos.

Compreende-se essa valorização do corpo pelo fato de que, as ações aqui tratadas, operam por máquinas que ampliam o gesto e a escala desse corpo e produzem uma experimentação que desloca e fissa os hábitos da cidade. Por meio da performance negocia-se uma política do corpo, que qualifica os corpos como dispositivos que possuem um potencial de construção e diferenciação em suas multiplicidades, e que tais construções se dão em processos que movimentam os modos, os hábitos, e as verdades estabelecidas. Ações micropolíticas que em sua individuação agem por meio de uma escala corporal, e contagiam por gestos que reverberam em outros gestos artísticos, sublevando assim a operação e o corpo em seu ato de construção.

Corpo que se coloca em deslocamento cotidiano, receptiva-ativamente com as forças e encontros. Operando em uma imbricação de arte e vida; modos cotidiano que estabelece uma negociação constante com os espaços e os discursos, singularizações que na busca por localizar as proposições do artista em uma semiótica de seus entendimentos, acabam por gerar movimentos no pensamento. O corpo que gera as imagens performáticas negocia por meio de questões, perguntas da escala do

“porque?” do “o que?”, que as dialéticas não respondem com facilidade.

Agir nos espaços não institucionalizados da arte, removendo a áurea de entendimento das ações de uma dialética biunívoca. Problematizando típicos preceitos avaliativos das sociedades de Estado, que fazem rodar máquinas duais que funcionam em operações binarizantes de oposições, plasmando socialmente verdades de dominação. Negociações com essas centralidades que operam “[...] um planejamento territorial, uma substituição dos lugares e territorialidades pelo espaço, uma transformação do mundo em cidade, em suma uma segmentariedade cada vez mais dura.” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 97). Relações de segmentação da cidade que afere os corpos e suas construções, geometrias duras que solidificam o corpo pela especificação dos espaços, pelos hábitos da cidade.

Confrontar as organizações! Na proposição prática “28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos” Deleuze e Guattari falam de uma experimentação que busca desorganizar com os modos que limitam o corpo e sua relação com o **COSMO**. Conceituam uma prática de experimentação que “não é

somente radiofônica, mas biológica, política, atraindo sobre si censura e repressão. Corpus e socius, política e experimentação. Não deixaram você experimentar em seu canto.” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.12).

Fazendo mover essas forças que segmentam e limitam, busca-se pela desorganização do corpo gerar estranhamento com as verdades do “socius”, de modo que tais problematizações possam fazer mover corpos e organizações, a fim de que se mapeiem os estratos das relações, percebendo assim as arquiteturas que nos geometrizam e como essas forças de dominação operam em regulações do espaço e do tempo. Modos e verdades que ao se solidificarem homogeneizam o vivido e o mundo.